



A dramaturgia como auxílio no ensino do inglês como segunda língua

Dramaturgy as an aid in teaching English as a second language

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14923549>

Gisele Freire¹

Resumo

Neste artigo descrevo como a utilização de textos dramáticos tem auxiliado no ensino da língua inglesa como segunda língua. Em princípio há uma breve apresentação do Drama Groups, projeto base da pesquisa apresentada, criado por uma escola de inglês brasileira para auxiliar no ensino desta língua por meio da arte. Em seguida apresento como, durante o tempo que fiz parte do grupo como artista educadora, pude fazer uso de diversos formatos de processos utilizando como base textos dramáticos para auxiliar a aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Dramaturgia. Inglês como segunda língua. Tradução e adaptação teatral.

Abstract

In this article, I describe how dramaturgical texts have helped in teaching English as a second language. First, there is a brief presentation of the Drama Groups project, created by a Brazilian English school to help teach this language through art. Then I present how, during the time I was part of the group as an educating artist, I was able to use different formats of processes using dramaturgical texts to help students' learning.

Keywords: Dramaturgy. English as a second language. Theater translation and adaptation.

¹ Atriz formada pelo INDAC-SP, professora de inglês/teatro em inglês e mestre em estudos da tradução com foco em dramaturgia pela FFLCH-USP. Realiza projetos artísticos pela GF&ARTES e com o projeto Little Worlds (Instagram: @giselefreire_inglesdocoracao) desenvolve projeto de criação bilíngue em inglês por meio da arte. E-mail: freiregisele@alumni.usp.br. E-mail: freiregisele@alumni.usp.br.

O teatro é utilizado há décadas para auxiliar na educação de crianças e adolescentes dentro das escolas. Uma das pioneiras nos estudos que alinham práticas relacionando a pedagogia e o teatro no Brasil foi a teórica, autora e professora Olga Garcia Reverbel (1917-2008). No cenário internacional destaca-se o filósofo, educador e artista Rudolf Steiner (1861-1925), criador da Pedagogia Waldorf, uma abordagem pedagógica baseada na antroposofia – doutrina filosófica criada pelo filósofo austríaco. Esta pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos, sendo o teatro – e as artes de forma geral – parte inerente deste processo.

O jogo teatral é uma das ferramentas mais utilizadas na sala de aula e em atividades extracurriculares. Por sua vez, a criação de espetáculos teatrais é um processo muito recorrente, pois promove, entre outros aspectos, o desenvolvimento físico, mental e emocional do aluno. O processo de criação coletiva de um espetáculo trabalha a coletividade, distribuição de tarefas, organização de prazos e respeita a atuação de cada um dentro do grupo.

Existem, ainda, muitos estudos sobre o poder da adaptação de textos teatrais clássicos para o meio escolar. Todavia, no Brasil ainda é tímida a produção de pesquisas acerca dos benefícios da dramaturgia como ferramenta de ensino do inglês como segunda língua. Este artigo busca descrever como a utilização desta ferramenta tem colaborado para o ensino deste idioma no Brasil. Para tanto, será descrito o processo realizado em um curso extracurricular de uma escola de inglês de grande relevância em muitas cidades brasileiras, a Associação Cultura Inglesa.

O Drama Groups (Grupos de Teatro) da Cultura Inglesa foi criado há cerca de vinte anos para auxiliar os alunos no aprendizado do inglês como segunda língua. O projeto foi conduzido de forma notável até o ano de 2018 pelo diretor cultural da associação, o ator, tradutor e diretor teatral Laerte Mello.

O artista, que sempre teve sólida atuação nas artes cênicas, defendia veementemente que o projeto acontecesse de maneira a utilizar os valores essenciais do fazer teatral como ferramentas pedagógicas, algo que já vinha sendo explorado em escolas sem o foco no aprendizado de uma segunda língua.

Este olhar de Mello parece se aproximar muito da visão da pesquisadora Beatriz Ângela Vieira Cabral (2006, p. 12) exposta no seu livro *Drama como método de ensino*, do qual retirei o trecho a seguir:

Ao fazer teatro/drama, entramos numa situação imaginária - no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos que responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. Como consequência, não ficamos restritos ao contexto 'real' da sala de aula, nem a excursões ocasionais. Nós podemos operar em qualquer contexto.

O contexto da ficção permite focalizar ao desafiar aquilo que é normalmente aceito, sem questionamentos, tudo o que devido à rotina é assumido sem maiores reflexões. Ao mesmo tempo facilita a abordagem de temas ou situações que possam abalar a suscetibilidade dos participantes, possibilitando a experiência de respostas ou atitudes reais *como* se estas fizessem parte do universo imaginário.

Os alunos, portanto, ao se colocarem em situação estão se transportando para uma cena que reproduz a realidade e praticando as falas devidas de cada situação. Dramatizar esta realidade auxilia não só o desenvolvimento social, cognitivo e intelectual dos alunos; ao reproduzirmos esta realidade com textos falados em inglês, estamos transportando o aluno para um contexto cultural e lexical nesta língua e, com isso, fazendo-o incluir no "banco de dados" do seu cérebro falas próprias de tal situação em inglês. O recurso cênico faz com que os alunos não só memorizem aquelas palavras em inglês, mas sintam efetivamente como elas são reproduzidas por meio do seu corpo e voz numa situação que eles podem encontrar futuramente em sua vida cotidiana.

Apesar de o Drama Groups estar focado em ajudar o aluno a falar inglês organicamente, o processo de estudo dirigido por Laerte Mello sempre primou por fazer com que a delicadeza e profundidade inerente do trabalho teatral estivessem em primeiro lugar. Pois, a partir do mergulho nas situações vividas, na representação das cenas, no trabalho com o texto etc., esses atores amadores tinham a possibilidade de viver com intensidade as situações/relações propostas. O teatro trabalha no campo das emoções e sensações, que nos ajudam a conectar o racional, nosso intelecto, com mais facilidade. Este fato permite que os alunos aprendam com leveza.

Este trabalho foi realizado com muito sucesso ao longo de mais de duas décadas devido ao constante acompanhamento e organização que a equipe do departamento cultural da Associação Cultura Inglesa realizou com os artistas/educadores que faziam parte do time que atuava diretamente com os alunos. Esses profissionais eram carinhosamente chamados, até recentemente, de *ensaiators* ou ensaiadores. Todos são atores e/ou diretores de teatro de formação e falam inglês, além de terem outras formações adjacentes. Os profissionais trabalhavam em regime de contratação PJ (Pessoa

Jurídica – prestação de serviços), sendo que o gerente de cada unidade tinha a liberdade de escolher o profissional que mais se identificava para comandar suas turmas de Drama Groups. O time contava com aproximadamente cinquenta profissionais até 2020, o que quer dizer que praticamente todas as unidades da associação tinham grupos teatrais.

Em 2018 Laerte Mello se aposentou da associação e o projeto passou a ser comandado por uma nova diretora cultural, Liliane Rebelo. Ocorreram algumas mudanças de ordem estrutural no Drama Groups, as quais colaboraram com determinados processos do trabalho, porém, com a chegada da pandemia, em 2020, o projeto foi reformulado e como consequência a associação se viu obrigada a encerrar o contrato com aproximadamente noventa por cento dos ensaiadores, e a oferecer aos alunos um formato online de atividade que ainda está em fase de adaptação. Rebelo deixou de dirigir este projeto, hoje dedica-se a outros projetos culturais dentro da instituição, e o Drama Groups é comandado pelo departamento acadêmico.

Fiz parte da equipe de ensaiadores entre os anos de 2015 e 2020, e é justamente sobre este período que quero destacar o uso da dramaturgia dando exemplos de como ela foi fundamental no aprendizado da língua inglesa para crianças, adolescentes e adultos.

Antes de passarmos para a descrição de como foi a utilização da dramaturgia no meu processo de trabalho, não posso deixar de mencionar a base criativa que a associação nos disponibilizou para aflorar nosso trabalho na sala de ensaio.

Quando iniciei o trabalho na associação, recebi com grande alegria a notícia de que teríamos encontros mensais com o diretor e pesquisador teatral Francisco Medeiros – carinhosamente chamado de “Chiquinho”. Nos encontros, discutíamos nossas metodologias de trabalho com os grupos de teatro, entre outros aspectos importantes da nossa troca com os alunos (atores amadores). As reuniões com o diretor eram de quatro horas, no entanto, o grupo tinha a sensação de que este tempo não era suficiente para se tratar da grande quantidade de assuntos que eram levantados durante o encontro. Chiquinho, que faleceu em 2019 vítima de um câncer, deixou um legado artístico que reverbera até hoje em meu trabalho artístico. Ele sempre nos chamava para um estado de presença e questionamento. Nos tirava de nossa zona de conforto. Mantinha viva a chama da arte em cada um dos seus posicionamentos. Primava pelo olho no olho, pelo pé no chão, pela superação das dificuldades. Fazia-nos pensar a cada momento em como nossos atores amadores ficariam conectados/engajados cem por cento durante aquelas horas de

ensaio que tinham conosco.

Em 2015 trabalhamos em cima da metodologia do *Viewpoints*, técnica de composição criada em 1970 pela coreógrafa, dançarina, professora de teatro e artista teatral estadunidense Mary Overlie. O método atua como um meio de se pensar e agir no movimento, no gesto e no espaço criativo. O estudo ainda é praticado por muitos artistas no teatro e na dança para potencializar a presença artística de atores e dançarinos, entre outros aspectos.

Líamos um capítulo por mês, cada um em sua casa, e no encontro com Medeiros trabalhávamos com este material. O intuito era investigar a melhor forma de adaptar este processo ao trabalho com nossos atores amadores.

Em 2016, recebemos em nosso primeiro encontro com Francisco Medeiros um convidado, o diretor teatral e dramaturgo Tuna Serzedello que nos contou sobre o projeto Connections (UK) e o Conexões (Brasil). O objetivo do encontro era abrir as possibilidades de trabalho com novas dramaturgias dentro do Drama Groups. O projeto trata basicamente de uma nova dramaturgia focada em jovens. O diretor nos disponibilizou os textos para trabalharmos com nossos grupos de teatro. Esses textos foram adaptados por nós de acordo com a necessidade de cada turma. Mais adiante, exemplifico como foi a utilização deste material com um dos meus grupos. O restante do ano dividimos o encontro em dois momentos, primeiro discutimos um texto que havia sido recomendado por Medeiros, com o intuito de ampliar nossas possibilidades de abordagem na sala de ensaio com os atores amadores. Na segunda parte, um de nós ficou responsável por aplicar uma atividade que havia desenvolvido com seus atores em sala de ensaio/sala de aula. Neste processo aprendemos muito com as ideias dos colegas.

Em 2017 recebemos a presença de profissionais convidados que abriram ainda mais nosso olhar para as infinitas possibilidades de aprendizagem do idioma por meio do fazer teatral. Entre as artistas convidadas tivemos Lucienne Guedes. O modo como ela conduz o nosso olhar sobre como construir uma dramaturgia interessante é transformador. Guedes acredita que o jogo deve estar do começo ao fim em nosso encontro. O ponto mais alto do seu discurso tratou sobre o engajamento, como engajar os atores amadores em nossa ideia (proposta de trabalho para o semestre). Ou como engajá-los a ter sua própria ideia do que querem dizer no palco. Ela sugere que três pontos importantes sejam trabalhados²:

² Esses apontamentos foram destacados por Guedes durante sua palestra em seus slides de apresentação.

- Foco numa pergunta certa. Ela deve ser uma pergunta instigante, pois a resposta será carregada de significados e ela é uma narrativa por si só instigante, verdadeira, com altos e baixos. Há sempre nessa narrativa um ponto de transformação.

- Posso também propor algo cenográfico, modificar o espaço para surpreendê-los quando eles chegarem à sala.

- Assim que os atores amadores entram na sala de ensaio devem ser provocados. Dessa provocação surge algo.

Em 2018 fomos desafiados a nos dividirmos em grupos e utilizarmos textos do projeto Conexões para apresentarmos no encontro. Fizemos uma escala anual e a cada mês era um grupo que se apresentava. Como tínhamos pouco tempo de ensaio, a ideia era apresentar “fragmentos” da peça. Sempre um de nós era o diretor e convidava quantos atores do grupo fossem necessários para realizar seu fragmento. A experiência nos permitiu ver como na prática os textos desse projeto poderiam ser usados em cada grupo teatral de acordo com o nível de inglês de cada um. Eu dirigi a peça *Blackout* (2012), de Davey Anderson, texto pelo qual me apaixonei e no ano seguinte fiz uma montagem com meus alunos adolescentes. No encontro com Medeiros dirigi os ensaiadores Ralf Stanley, Martha Travassos e Lua Aragão.

Em 2019 tivemos alguns encontros com outros profissionais e iniciamos um trabalho mais aprofundado com Vera Cabrera, criadora do projeto de pesquisa *Living Drama in the Classroom*, 1998 – uma proposta de abertura à Aprendizagem Significativa. Atualmente, é líder de grupo de pesquisa desenvolvendo o projeto "*Living Drama: teoria e práxis em diferentes contextos de ensino e aprendizagem de língua inglesa*". E faz parte de dois grupos de pesquisa: o primeiro ligado ao programa de Formação Contínua de Docentes de Inglês – a formação contínua do professor de inglês, um contexto para a reconstrução da prática (Associação Cultura Inglesa e PUC-SP); e o segundo de Inclusão Linguística em Cenários de Atividades Educacionais-ILCAE, da PUC-SP. É professora do curso de Especialização (Lato Sensu) em Práticas Reflexivas de Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, PUC-SP.

O trabalho com Cabrera nos levou a um aprofundamento de questões relativas ao nosso ser artista/educadores. Cada um de nós construiu uma narrativa contando nossa trajetória a partir do momento em que nos apaixonamos pelo teatro até chegarmos a sermos ensaiadores. Ao longo do ano realizamos a apresentação destes trabalhos de forma

individual. Tivemos total liberdade de criação, com isso surgiram manifestações artísticas que variavam entre representações cênicas, visuais, sonoras e afins. O ponto comum foi que todos apresentaram uma dramaturgia muito marcante, a qual inspirou profundamente nosso trabalho na sala de ensaio e fortaleceu nossa atuação enquanto grupo.

Em 2020 iniciamos um trabalho de alguns meses com a pesquisadora e professora no campo de pedagogia das artes cênicas, Suzana Schmidt. Seu foco de trabalho é a formação de professores de artes, política e ação cultural, educação e experiência artística na infância. Há dois anos leciona na Universidade de São Paulo e no Centro Universitário Senac. O processo com Schmidt colaborou para nos aprofundarmos em nossas pesquisas teóricas e nos fez levantar questionamentos sobre os rumos do grupo de estudos dentro da associação Cultura Inglesa. No entanto, não pudemos concluir o estudo pois ele foi interrompido após quatro meses de pandemia, ocasionando o fim de um grupo sério de estudos artístico-pedagógicos sem precedentes dentro do estudo de inglês como segunda língua no Brasil.

A dramaturgia em inglês na sala de ensaio para estudantes da língua inglesa

Alguns temas costumavam ser tabus dentro da associação. Assim, meu primeiro trabalho, que dava sequência a um projeto iniciado por outra ensaiadora, teve que ser bastante adaptado, pois trabalhava com cenas impactantes de filmes do diretor Quentin Tarantino. Os ensaios foram assistidos pela gerente da unidade e decidimos que as cenas com violência e palavrões seriam cortadas (ou seja, quase todas). A partir desta experiência eu já tinha uma ideia de que tipo de dramaturgia deveria trabalhar com meus atores amadores. Portanto, para o meu segundo trabalho pesquisei alguns textos do projeto Conexões. Os textos deste projeto têm uma trama bastante envolvente, são escritos em inglês e apresentam palavras que exigem um conhecimento mais avançado do idioma, ideal para atores amadores que já tenham um nível intermediário ou avançado de inglês. Nesta turma em questão havia estudantes de níveis variados de inglês. Mas, ainda assim, apresentei o texto *Anoesis*, do grupo *Junction 25*³. A peça nasceu das questões que o grupo teatral britânico tinha sobre o mundo à sua volta, no que dizia respeito ao sistema de

³ O texto foi desenvolvido pela companhia em 2012, na Inglaterra. Usei a versão traduzida por Fernanda Sampaio para o português.

ensino, que “era” muito focado em exames e sucesso acadêmico. Percebi que a maioria dos atores amadores daquela turma estavam bem conectados com seus direitos e questionavam seus deveres enquanto alunos, de um modo geral. Assim, apresentei para eles esta peça. A turma adorou e, portanto, decidi que valeria a pena investir num trabalho de adaptação deste texto, pois, o que importa neste tipo de processo de aprendizagem é a paixão por contar a história proposta pelo texto. Adaptar as falas para a realidade linguística de cada aluno não atrapalhou de maneira alguma o entendimento do enredo e a evolução do aprendizado destes atores amadores, enquanto estudantes de inglês.

Abaixo apresento o quadro 1 com parte da estrutura do texto original, já traduzido para o português. Na sequência apresento o quadro 2 com um trecho da versão da peça em inglês adaptada para os atores amadores estudantes de inglês. Nesta parte, incluí ao lado uma tradução livre feita por mim para este artigo.

QUADRO 1 - PARTE DO TEXTO DA PEÇA “ANOESIS”

p. 12

[...]

O grupo inclina para frente em seus assentos para sussurrar confissões para o público sobre as vezes em que quebraram as regras em suas vidas escolares. INSTRUÇÕES: Esta seção fica melhor se criada a partir das confissões da vida real do próprio elenco.

Sugestões do Junction 25 incluem:

- Uma vez eu cobri a parede com chiclete rosa e pus a culpa no Michael Robertson.
- Na aula de geografia, nós contávamos quantas cambalhotas conseguíamos dar sem a professora perceber. Eu dei 12.
- Na aula de Francês, às vezes fazíamos barulho de pombo.
- Eu imitava a assinatura da minha mãe nas autorizações de atraso para que ela não percebesse que eu estava matando aula.
- Meu amigo deixou seu livro de matemática na mesa e, como éramos seus “amigos”, desenhamos um pinto enorme em todas as páginas.
- Uma vez eu fiz uma marionete de sombra e a coloquei na janela para que, às 12h todos os dias, o sol projetasse a palavra "punheta" na lousa.

[...]

p. 18

Todos ficam de pé atrás de suas cadeiras. Ficam de pé na mesa um a um quando falam.

Maria: Maria é uma perfeccionista. Tenta com todas as forças que as coisas saiam direito. Ela parece tímida, não porque seja quieta, mas é que às vezes ela prefere só escutar*

Steph: Stephanie acha que precisa ser séria, ou as pessoas não a levarão a sério. Entretanto, seus momentos mais felizes são quando ela faz palhaçadas. Ela trabalha melhor quando se sente livre e sem restrições.*

Clare: Clare adora construir coisas. Fica mais feliz quando está trabalhando tranquilamente em seu próprio espaço, especialmente se está ouvindo Arctic Monkeys.*

Scott: Scott é o cara da mudança. Scott pode parecer muito intenso sobre algumas coisas e completamente tranquilo sobre outras. Isso acontece porque Scott nem sempre sabe como se sente sobre as coisas. O que ele sabe, com certeza, é que pensa melhor com um simples passatempo ou quando escuta música.*

[...]

Fonte: 2014, Projeto Conexões Teatro Jovem. Anoesis. Junction 25 Glas(s) Performance. Tradução: Fernanda Sampaio.

Como vemos no quadro 1 há uma liberdade no texto para adaptarmos o discurso de acordo com a vivência pessoal dos atores que estão encenando a peça. Esta liberdade permitiu que eu fizesse um *brainstorming* com os atores amadores para que eles buscassem estas situações sugeridas na página doze do texto inserido no quadro acima. As falas da página dezoito, também apresentadas no quadro acima, foram substituídas por características dos próprios atores amadores, porém eles quiseram manter os nomes das personagens conforme o texto original. No texto original os próprios atores falam de si, porém em terceira pessoa. Todavia, meus atores amadores apresentaram muita resistência para falarem de si, assim, apesar de termos feito alguns exercícios para eles poderem falar de si, decidimos que os atores falariam das características do seu colega e não de si mesmo. As características pessoais deles estão no texto exatamente como foram descritas por cada um nas improvisações, feitas em inglês. Porém, a última fala de cada ator amador é a sua opinião pessoal a respeito do colega de quem ele está falando. Após este processo, os próprios atores amadores escreveram as falas e eu os ajudei com as mudanças gramaticais, quando necessário. No quadro também podem ser vistas as indicações de encenação propostas por mim enquanto dirigia a peça.

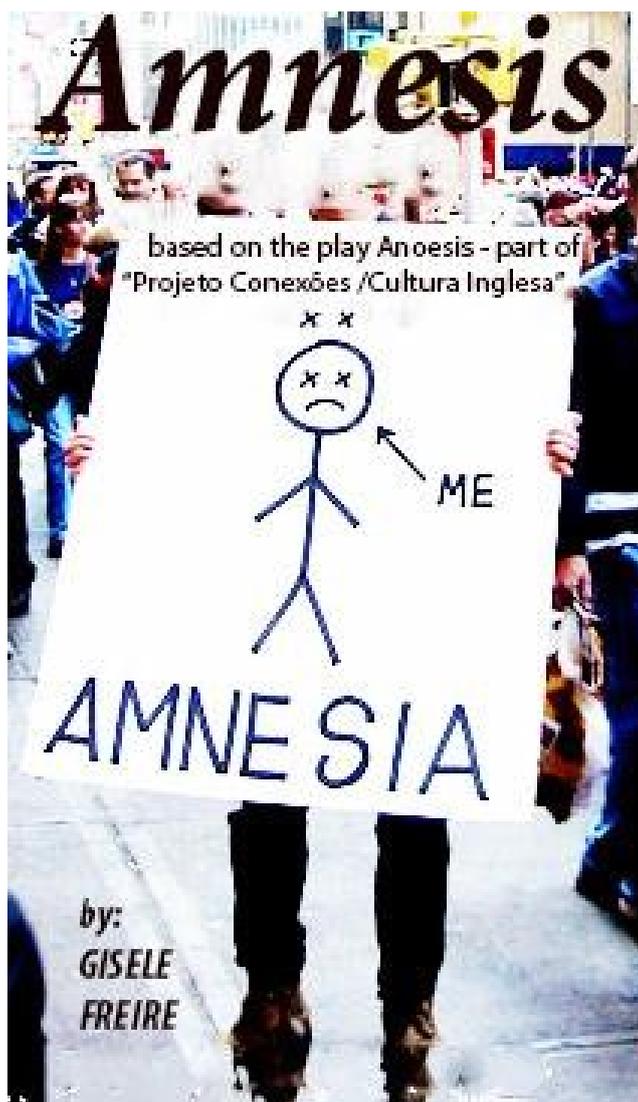
QUADRO 2 - PARTE DO TEXTO DA PEÇA AMNESIS

VERSÃO EM INGLÊS	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
<p>TEEN'S PLAY 1ST SEMESTER 2016</p> <p style="text-align: center;"><i>Amnesis</i></p> <p>Based on the play <i>Anoesis</i>, part of "Projeto Conexões - Cultura Inglesa"</p> <p style="text-align: center;">[...] PART B</p> <p>LUIZ (WITH THE MEGAPHONE sounds the beep and says) - improvisation (Luiz goes to the following actor/actress and he gives her/him the megaphone)</p> <p>Laura (standing up on the chair she points to Beatriz and says) - She is Clare. She loves dogs. The best moment of her life was when she travelled to Europe. She's fashionable and a lovely person.</p> <p>Luiz (standing up on the chair she points to André and says) - He is Adam. He loves playing DOTA 2. His favorite color is black. He annoys me a lot, but I like him. His biggest dream is to get a great job. I know he will get it.</p> <p>(Luiz goes to the following actor/actress and he gives her/him the megaphone)</p>	<p>PEÇA DOS ADOLESCENTES 1º. SEMESTRE 2016</p> <p style="text-align: center;"><i>Amnesis</i></p> <p>Baseado na peça <i>Anoesis</i>, parte do "Projeto Conexões" - Cultura Inglesa</p> <p style="text-align: center;">[...] PARTE B</p> <p>LUIZ (com o megafone soa um apito e diz) improviso. (Luiz vai até o (a) próximo (a) ator/atriz e lhe entrega o megafone)</p> <p>Laura (de pé na cadeira aponta para Beatriz e diz) -- Ela é Clare. Ela ama cachorros. O melhor momento da sua vida foi quando viajou para Europa. Ela é fashion e uma pessoa adorável.</p> <p>Luiz (de pé na cadeira aponta para André e diz) -- Ele é o Adam. Ele ama jogar DOTA 2. Sua cor favorita é preto. Ele me enche o saco, mas eu gosto dele. O maior sonho dele é encontrar um bom emprego. Eu sei que ele vai conseguir.</p> <p>(Luiz vai até o (a) próximo (a) ator/atriz e lhe entrega o megafone)</p>

<p>Natalia (standing up on the chair she points at Vinicius and says) - He is 13 years old. His name is Stan. He loves playing soccer and the best day of his life was when his sister was born. He is a very nice person. Everybody likes him.</p>	<p>Natalia (de pé na cadeira aponta para Vinicius e diz) -- Ele tem 13 anos. Seu nome é Stan. Ele ama jogar futebol e o melhor dia da sua vida foi quando sua irmã nasceu. Ele é uma ótima pessoa. Todo mundo o adora.</p>
<p>(Luiz goes to the following actor/actress and he gives her/him the megaphone)</p>	<p>(Luiz vai até o (a) próximo (a) ator/atriz e lhe entrega o megafone)</p>
<p>Beatriz (standing up on the chair she points to Laura and says) - The worst day of her life was when her grandmother died. She is Lily. She is 14 years old and loves studying math. She loves laughing and with that sometimes she disturbs the class, but she is a very good friend and I like her very much.</p>	<p>Beatriz (de pé na cadeira aponta para Laura e diz) -- O pior dia da sua vida foi quando sua avó morreu. Ela é Lily. Ela tem 14 anos e ama estudar matemática. Ela ama dar risada, isso às vezes irrita a classe, mas ela é uma ótima amiga, e eu gosto muito dela.</p>
<p>(Luiz goes to the following actor/actress and he gives her/him the megaphone)</p>	<p>(Luiz vai até o (a) próximo (a) ator/atriz e lhe entrega o megafone)</p>
<p>Luciana (standing up on the chair she points to Nicole and says) - She is Cornery. She is a smart girl. She loves dogs and playing basketball. The worst day of her life was when she opened her head. Now she is fine. She is very helpful with everyone, and I love her.</p>	<p>Luciana (de pé na cadeira aponta para Nicole e diz) -- Ela é a Cornery. Ela é uma menina inteligente. Ela ama cachorros e adora jogar basquete. O pior dia da sua vida foi quando ela abriu a cabeça. Agora ela está bem. Ela ajuda todo mundo, e eu amo.</p>
<p>(Luiz goes to the following actor/actress and he gives her/him the megaphone)</p>	<p>(Luiz vai até o (a) próximo (a) ator/atriz e lhe entrega o megafone)</p>
<p>Vinicius (standing up on the chair he points to João Victor and says) - He is</p>	<p>Vinicius (de pé na cadeira aponta para João Victor e diz) -- Ele é o Natan. Sua cor</p>

<p>Natan. His best color is blue. He is a very shy boy, but he participates in all activities of the class. The worst day of his life was when his grandmother died. His biggest dream is to travel to Germany.</p>	<p>predileta é azul. Ele é um garoto muito tímido, mas participa de todas as atividades da aula. O pior dia da sua vida foi quando sua avó morreu. Seu maior sonho é viajar para a Alemanha.</p>
<p>LUIZ (Right) (WITH THE MEGAPHONE) – (he sounds the beep).</p>	<p>LUIZ (à direita) (COM O MEGAFONE) -- (ele soa o apito).</p>
<p>Yasmim (Cara) (she calls:) – Part C. (THE MUSIC STARTS TO PLAY)</p>	<p>Yasmim (Cara) (ela grita) -- Parte C (A MÚSICA COMEÇA A TOCAR)</p>
<p>(EACH OF THEM STARTS TO DANCE HIS/HER PART OF THE CHOREOGRAPHY) (AFTER FINISHING THE DANCE ALL STUDENTS SIT DOWN AND START TO MAKE THE SAME MOVEMENT: THEY MAKE CIRCLES IN THE PAPER WITH THEIR BIG PEN)</p>	<p>(CADA UM COMEÇA A DANÇAR SUA PARTE DA COREOGRAFIA) (QUANDO TERMINAM TODOS SENTAM E COMEÇAM A FAZER O MESMO MOVIMENTO: ELES FAZEM CÍRCULOS NO PAPEL COM SUA CANETA GIGANTE)</p>
<p>Nicole Galdino (standing up on the chair he points at all the actors/actresses:) We are all part of the same group, with all our differences. It is difficult sometimes to organize ourselves. But we try our best, because we want to change the world together. We want a better world even “in the middle of crises”.</p>	<p>Nicole Galdino (de pé na cadeira aponta para todos os (as) atores/atrizes:) Nós somos todos parte do mesmo grupo, com todas as nossas diferenças. Às vezes é difícil pra gente se organizar. Mas fazemos o nosso melhor, porque queremos mudar o mundo juntos. Queremos um mundo melhor mesmo “no meio desta crise”.</p>
<p>(ALL STUDENTS START SINGING THE SONG THAT WAS SUNG IN PART “A”)</p>	<p>(TODOS CANTAM JUNTOS A MESMA MÚSICA CANTADA NA PARTE “A”)</p>
<p>[...]</p>	<p>[...]</p>

Imagem 1. Cartaz da peça



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Durante o processo descrito acima eu estava trabalhando com uma turma entre onze e quatorze anos. Eles estavam bem engajados e ansiosos para o novo processo. Em nossos primeiros encontros manifestaram o interesse por trabalhar obras clássicas como as de William Shakespeare. O tempo de cada apresentação não deveria ultrapassar 40 minutos, o que dificultava um pouco trabalhar com narrativas complexas como as deste autor. Porém, mais uma vez foquei no enredo. Busquei adaptações da peça em inglês para o público jovem. Trouxe algumas opções de texto e a turma, por fim, escolheu trabalhar *Othello*. Alguns fatores levaram o grupo a realizar esta escolha. Como já éramos um grupo unido e coeso, cada um já sabia que papel poderia trabalhar dentro da peça. Um dos nossos atores amadores que falava inglês num nível avançado e era muito expressivo, era um jovem negro de quase quinze anos. Assim, ele foi eleito pelo grupo para o papel de

Othello. Fiz uma primeira leitura da peça em inglês. Depois, dividi os alunos em grupos e pedi que improvisassem as cenas. Em princípio, todos encenavam todos os papéis.

Nossos encontros eram semanais e duravam duas horas. No final de aproximadamente quatro meses deveríamos fazer uma apresentação. Como demonstrei na introdução deste artigo, o foco do trabalho do Drama Groups nunca foi a apresentação, o segredo do nosso sucesso era fazer com que o processo fosse rico de aprendizagem. Assim, tínhamos a liberdade de não fazermos um grande espetáculo, e sim focarmos nos diálogos e nas relações entre as personagens. E este foi o trabalho que desenvolvi. No final do processo os atores amadores estavam tão engajados que eles mesmos sugeriram quem faria cada personagem. Eles ajudavam uns aos outros a memorizarem suas falas e a entenderem o sentido de cada cena. Criou-se ali um grupo unido, que esperava ansiosamente o próximo encontro.

Infelizmente algumas questões burocráticas levaram ao fim desta turma. Os atores amadores ficaram muito sentidos, pois aquele grupo de teatro passou a fazer grande sentido em suas vidas, além de aprenderem inglês de forma divertida, eles levantavam questões profundas sobre sua identidade e seu papel na sociedade, algo realmente transformador nesta fase da adolescência.

Apesar dessa frustração, meu trabalho nas outras unidades da associação não parou. Desenvolvi projetos parecidos em outras unidades com grupos de idades variadas. Sempre primei pelo engajamento do grupo a partir de um trabalho pautado na presença e no sentir. Para tanto, tive muito respaldo da direção do departamento cultural. Os encontros mensais com todos os profissionais mencionados anteriormente ajudaram a me manter alerta e conectada para conduzir o grupo num caminho que promovesse o engajamento e conseqüente aprendizado. Trabalhei outras obras clássicas da literatura como *The snow white and the seven dwarfs* (*A branca de neve e os sete anões*), realizei processos com criação coletiva de texto (neste processo a habilidade de criação textual dos alunos era muito afluente, alguns alunos numa faixa etária de dez anos que traziam para aula cenas prontas escritas em inglês com grande riqueza de detalhes). Fiz adaptações de literatura moderna para atores amadores adultos e com uma turma de crianças chegamos a fazer uma versão de alguns programas do Netflix. A obra foi chamada de *Netflix*. Este também foi um processo onde a criatividade dos atores amadores para desenvolverem suas próprias cenas foi muito explorada. Esta era uma turma de crianças com faixa etária entre

oito e dez anos. Para alguns, o processo foi tão intenso que no nosso encontro final de *debriefing*, para falarmos do processo, recebi depoimentos tocantes que demonstraram o quanto este processo de trabalho é transformador. Entre eles não posso esquecer o bilhete de uma aluna que dizia *“Teacher, thank you for let me do everything by myself. You showed me that I can do everything I want. I love you.”* (“Professora, obrigada por me deixar fazer tudo sozinha. Isso me mostrou que posso fazer tudo o que eu quero. Eu te amo.” – Tradução livre da autora).

O processo de aprendizado da língua inglesa fazendo uso da dramaturgia proporciona aos alunos um desenvolvimento similar àquele observado no início do artigo, onde a prática teatral é realizada na língua materna dos alunos. No entanto, com a utilização da dramaturgia em inglês este aprendizado ganha um aspecto linguístico que permite ao aluno quebrar a barreira do medo de se expressar em público falando inglês. Pois o ambiente da sala de ensaio é um local seguro onde este aluno pode errar sem ser julgado. Apreende-se o vocabulário pelo prazer de repetir as frases do texto, com o propósito de comunicar algo através de uma expressão artística.

Por fim, é importante destacar que hoje existem pesquisas acadêmicas sendo feitas na área de estudos da adaptação que podem ajudar os professores a abrirem seus horizontes e, a partir de um enredo criar dramaturgias que se adéquem ao foco do seu projeto. Neste sentido, destaca-se o GREAT - Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução (FFLCH-USP-CNPq), que promove encontros e debates mensais sobre o tema.

No que tange ao ensino da língua por meio da dramaturgia, apresentei apenas uma das infinitas possibilidades de processos. Assim, finalizo este relato com o desejo de que projetos como este não deixem de ser fomentados.

Referências

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. **The viewpoints book**. New York: Theater Communications Group, 2005.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. **R.cient./FAP**, Curitiba, v. 3, p. 39-52, jan./dez. 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/agosto2013/arte_artigos/08_juliana_cavassin.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

CULTURA Inglesa drama groups. Disponível em: <https://cultural.culturainglesa.com.br/eventos/apresentacoes-drama-groups>. Acesso em: 15 maio 2021.

GREAT - USP. Disponível em: https://www.instagram.com/great_usp/. Acesso em: 25 jun. 2021.

JUNCTION 25. **Anoesis**. Projeto Conexões, Londres, 2012.

PROJETO Conexões. Disponível em: www.conexoes.org.br. Acesso em: 15 maio 2021.

7 ANOS de projeto conexões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ArL2gGozgs>. Acesso em: 15 maio 2021.

Submetido em: 13 jun. 2021

Aprovado em: 17 dez. 2021